

## O dilema do prisioneiro

Rogério L. Furquim Werneck\*

O que ainda poderia salvar o País do pesadelo de ter de escolher entre Lula da Silva e Flávio Bolsonaro em outubro? Um rápido e inequívoco fracasso da tentativa de sequestro das forças de centro-direita tramada pelo comando bolsonarista.

O que faria Jair Bolsonaro se, no final de julho, digamos, ficasse claro que Flávio estaria fadado a ser derrotado por Lula? Seria ingênuo tentar inferir, com base em presunção de racionalidade, como reagiria um político tão impetuoso e primitivo, amargado pela perspectiva de longos anos de prisão. Mas nada impede que se analisem as considerações que pautariam sua reação.

Há quem jure que Jair Bolsonaro prefere ver Flávio perder a eleição do que Lula derrotado por outro candidato que não seja seu filho. E que, para ele, o que de fato importa é a preservação do controle das forças de centro-direita do País pela família.

Pode até ser. Mas há pelo menos duas razões para não ter tanta certeza quanto a isso. Há que indagar, primeiro, se, na esteira de mais uma derrota na disputa presidencial, da qual seria a grande culpada, a família teria condições de preservar o controle da centro-direita. Com Jair na cadeia, que importância efetiva no comando da oposição teriam Flávio e Eduardo Bolsonaro, sem mandatos eletivos e, quem sabe, às voltas com a Justiça?

A segunda indagação é sobre custos e benefícios da decisão do ex-presidente para ele mesmo, no plano estritamente pessoal. Jair Bolsonaro jamais escondeu sua mobilização com a ideia de que a derrota de Lula lhe traria o perdão presidencial que lhe tiraria da cadeia. Estaria disposto a marchar com Flávio para a derrota eleitoral e mofar na cadeia?

Há meses, ainda parecia que a família contava com uma carta na manga: poder substituir a candidatura de Flávio pela de Michelle Bolsonaro. Já não conta mais. Às resistências machistas do próprio Jair a essa alternativa, somam-se agora as alterações a céu aberto de seus filhos com a madastra, em meio a um festival espantoso de diatribes abjetas do entorno de Flávio contra mulheres na política.

O que restaria então a Jair Bolsonaro, para evitar mais uma derrota na disputa presidencial e escapar de anos e anos de prisão no complexo da Papuda? Desmontar obstruções do bolsonarismo à eleição de um dos pré-candidatos de centro-direita, ainda nanicos, que já prometeram lhe perdoar, caso venham a ser eleitos.

O que, afinal, faria o prisioneiro? Como bem notou Samuel Johnson, já no século 18, “nada concentra mais a mente do que a visão do cadafalso”.

---

\* Rogério L. Furquim Werneck, economista, doutor pela Universidade Harvard, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.